



CIÊNCIA E TECNOLOGIA:
IMPLICAÇÕES NO ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO

FEPEG

F Ó R U M
ENSINO • PESQUISA • EXTENSÃO • GESTÃO

REALIZAÇÃO:



APOIO:



ISSN: 1806-549X

REPRESENTAÇÕES DE MULHERES NEGRAS EM MEMÓRIAS BIOGRÁFICAS DE ESCRITORAS MONTESCLARENSES

Autores: RAIANE MAIA SANTOS, CLÁUDIA DE JESUS MAIA

Introdução

A história por muito tempo foi em sua maioria escrita por homens. De forma que as mulheres não tinham voz, pois eram excluídas da narrativa histórica. Aquelas que ficam dentro de casa cuidando dos filhos. O silêncio das mulheres na história traz para nós a sua exclusão e sua falta de participação na vida pública. Ou a sua participação mascarada pelo sexo masculino. A mulher é considerada como inferior ao homem também na historiografia, Michelle Perrot historiadora francesa, grande mestra da História das Mulheres e da denúncia de exclusão das mesmas, traz várias ideias em relação ao silenciamento que as mulheres sofrem e sofreram ao longo da escrita da história.

Esse silenciamento se dá em sua maioria pelo sexismo que encontramos nas academias onde, por muito tempo, não se era bem visto falar de mulheres. Na qual as mulheres não possuíam voz ou poder de fala, e não se era relevante falar a respeito de gênero ou feminismo. Michelle Perrot (1988:167-184) desvela esse silêncio dos corpos femininos, fazendo uma história social voltada para o gênero feminino. Vemos em todo o processo de pesquisa na historiografia esse silenciamento, onde quando se escrevia sobre mulheres, referia-se somente a mulheres brancas, nesse cenário o silenciamento das mulheres negras é ainda maior.

As mulheres negras são pouco vistas em trabalhos historiográficos por serem mulheres, já existe uma grande exclusão, por serem negras tem uma exclusão ainda maior, são sempre vistas como figuras sem importância para a historiografia, cuja necessidade de se falar delas não se faz presente e são aquelas que deixam menos vestígios para serem estudadas. Apesar de ser uma discussão recente temos trabalhos desde o final dos anos 1980 que levam a crítica a esse silenciamento da mulher negra como os trabalhos de Maria Odília Dias (1983:31-45). A autora em *“Mulheres sem história”*, traz a visão de como essas mulheres negras viviam aos arredores da sociedade, e como eram excluídas, como a história dessas mulheres foi esquecida, e como ela faz um resgate mostrando figuras de grande importância na história.

Vemos no trabalho de Léila Gonzales (1984) *“Racismo e sexismo na cultura brasileira”* para a revista Ciências Sociais Hoje, ela traz a visão das mulheres negras dentro da cultura brasileira mostrando o silenciamento delas e o preconceito que as mesmas sofrem. A autora faz uso das ideias da psicanálise para explicar a sexualização dessas mulheres, trazendo um discurso só não dos homens, mas também um discurso cultural, que é propagado desde a escravidão, um discurso que a mulher negra servia para o senhor branco para a satisfação dos seus desejos sexuais, e que hoje ainda não mudou.

Os trabalhos de Maria Consuelo Cunha (2001:112), voltados para a literatura trazem a visão da mulher negra e suas representações nas literaturas, como a mulher era sempre representada como inferior com expressões pejorativas, u ela tinha que ser a artista que trabalhava na tv, ela nunca poderia ser uma mãe de família, casada com um homem branco, ela não poderia ser a mulher que possuía estudo e era bem sucedida, ela era sempre como reprodutora, aquela que teria de cuidar das tarefas da casa grande e reproduzir, satisfazer o homem branco, e criticam as suas representações.

Neste contexto, essa pesquisa tem por objeto as representações sobre mulheres negras em livros de literatura memorialística escrito por escritoras norte-mineiras. Neles, também percebemos a força do silenciamento que se dá, também, por outras mulheres. Na pesquisa discutiremos as representações dessas mulheres, como elas eram vistas pelas autoras e quais eram as representações ali construídas. Tendo como objetivo analisar a representação social das mulheres negras nos livros de literatura memorialística escritos por duas mulheres em Montes Claros.

Metodologia



CIÊNCIA E TECNOLOGIA:
IMPLICAÇÕES NO ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO

FEPEG

F Ó R U M
ENSINO • PESQUISA • EXTENSÃO • GESTÃO

REALIZAÇÃO:



APOIO:



ISSN: 1806-549X

Para o desenvolvimento dessa pesquisa, foram analisadas as representações sociais de mulheres negras em duas obras que contam a história de Montes Claros. “Montes Claros era assim” de Ruth Tupinambá Graça, escrita em 1986. Essa autora era de família tradicional de Montes Claros, tornou-se historiadora e escritora, com um gosto específico para a escrita da história memorialista.

A segunda obra analisada foi o livro “Maria Clara” escrito por Nazinha Coutinho. Trata-se de um livro de literatura memorialista ficcional, a autora faz uso de nomes fictícios, para os personagens que conviveram com ela e para ela própria, utilizando da escrita literária para fazer uma autobiografia ficcional. De família tradicional de Montes Claros, Nazinha Coutinho conta a sua história, o livro foi organizado quando ela tinha 70 anos, a apresentação foi feita por Darcy Ribeiro, primo da autora.

Para a análise, utilizamos o conceito de representação social segundo Moscovici (1961), e o conceito de gênero segundo Scott (1992), bem como a revisão bibliográfica a fim de ver a participação dessas mulheres negras nesse contexto de escrita da história memorialista.

Resultados e discussão

Ruth Tupinambá Graça nascida de família tradicional de Montes Claros, era historiadora e escritora, sua grande paixão era escrever sobre sua cidade, com entusiasmo e paixão escreveu o livro *Montes Claros era assim* em 1986. Onde relata suas experiências da infância, adolescência e sobre a criação do povoado que deu origem a atual cidade de Montes Claros. O livro apesar de ser escrito por uma mulher traz uma série de vozes masculinas, que narram a fundação da cidade. Vozes que impõe várias formas de silêncios sobre as vozes femininas, de modo que as mulheres deixam de ter importância para a autora.

Nazinha Coutinho, era filha de Antônio Dias do Nascimento e de dona Belvinda Rosalina dos Santos Nascimento, de família tradicional da cidade de Montes Claros, escreveu sua obra *Maria Clara* usando nomes fictícios fazendo uma autobiografia ficcional de forma literária e simples. Nazinha dá voz a si mesma em sua obra e também a outras mulheres, contando então uma história de Montes Claros não só pela visão masculina que também aparece no texto, mas também pelas vozes femininas que conviviam com ela durante sua vida.

Nas obras analisadas vemos a presença de corpos femininos, as mulheres tendo voz, apesar de sofrer grande silenciamento, por terem sido escritos por mulheres deveria influenciar nesse silenciamento de forma que o mesmo diminuísse, mas isso não acontece. As mulheres são vistas pela sociedade da época como inferiores aos homens e as autoras reproduzem essa visão. Dentro desse contexto procuramos encontrar as vozes femininas negras, porém essas sofrem um silenciamento ainda maior, essas mulheres negras são vistas sempre à margem da sociedade, aparecem como a ex-escrava que ainda está trabalhando para o seu antigo senhor, mesmo após a abolição, evidenciando o racismo e o pensamento colonial ali presente (Graça, 1968:51), ou como a empregada da família branca, chamada de a “negrinha” que apanha quando não trata bem sua patroa (Coutinho, 1978:87).

Considerações finais

As representações das mulheres negras vistas nos livros apresentados de literatura memorialista, são representações de inferioridade, e de submissão social, elas aparecem como corpos sem importância, à margem da sociedade desenvolvida. Segundo Moscovici (1961).

“Nenhuma mente está livre dos efeitos de condicionamentos anteriores que lhe são impostos por suas representações, linguagem ou cultura. Nós pensamos através de uma linguagem, nós organizamos nossos pensamentos de acordo com um sistema que está condicionado, tanto por nossas representações, como por nossa cultura. (1978,p. 35)”

A representação social faz uma ligação da realidade com as ideias interiores e com sua cultura para definir um grupo social ou um indivíduo, nesse contexto passamos a entender as representações sociais presentes nos livros, uma vez que as autoras e as mulheres negras viviam em grupos sociais distintos e com culturas e ideias de valores de vida diferentes, criando, assim, representações de inferioridade.

Os resultados dessa pesquisa estão ligados com a descoberta dos silêncios que as mulheres sofrem nos seus escritos, como autoras e como mulheres no seu local social de fala. Segundo Scott (1992) o gênero é definido não somente pelo sexo, mas está também ligado as relações de poder e hierarquia social, as mulheres vistas nos livros são submissas aos homens, essa relação de poder faz com que o gênero feminino seja considerado inferior assim sendo elas não têm importância naquela sociedade por isso não tinham voz e lugar de fala. As mulheres negras sofrem uma dupla exclusão, por serem mulheres, e por serem negras, percebemos assim um silenciamento ainda maior, e que suas representações são diferentes por seus marcadores sociais de raça e gênero.



CIÊNCIA E TECNOLOGIA:
IMPLICAÇÕES NO ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO

FEPEG

F Ó R U M
ENSINO • PESQUISA • EXTENSÃO • GESTÃO

REALIZAÇÃO:



APOIO:



ISSN: 1806-549X

Agradecimentos

Agradeço ao apoio financeiro do programa Pibic Cnpq, que me forneceu a bolsa de iniciação científica, que me proporcionou durante um ano a chance de me dedicar a pesquisa a fim de desenvolver o trabalho acima apresentado nesse resumo. Agradeço o apoio da Grupo de pesquisa Gênero e Violência da Universidade Estadual de Montes Claros (UNIMONTES), e aos colegas ali presentes, em especial a Edson Carlos pelo apoio na pesquisa e por suas contribuições intelectuais para com a mesma, a fim de torná-la possível.

Referencias

- DIAS, M. O. L. S.. Mulheres sem história. **Revista de História** (USP), dep.de história da USP, v. 114, p. 31-45, 1983.
- CAMPOS, M. C. C. . Movimento negro no Brasil. *Dialogos Latinoamericanos*, Aarhus, Dinamarca, v. 7, p. 55-77, 2003.
- CAMPOS, M. C. C. . **De Frankenstein ao transgênero**. Rio de Janeiro: Ágora da Ilha, 2001. v. 1. 112 p.
- CAMPOS, M. C. C. . Saber, memória, poder, poderes. *Revista Advir*, Rio de Janeiro, v. 2, p. 19-22, 1993.
- DIAS, M. O. L. S. . Quotidiano e Poder: Ana Gertrudes de Jesus. SAO PAULO: BRASILIENSE, 1984. 198p.
- DIAS, M. O. L. S. . Raízes do Brasil. O estado de São Paulo. **Suplemento Cultural**, São Paulo, 25 mar. 1987.
- DIAS, M. O. L. S. . resenha do livro *Escravos brasileiros do século XIX*. *Leia*, Editora Ex-libris São Paulo, , v. 115, p. 29 - 30, 20 jun. 1988.
- PERROT, Michelle. **Os Excluídos da História**: operários mulheres e prisioneiros. 4. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1988.
- COUTINHO, Nazinha. **Maria Clara**. Rio de Janeiro: Dois irmãos.1978.
- GRAÇA, Ruth Tupinambá. **Montes Claros era assim**. Cultura. 1986.
- MOSCOVICI, Serge. **A representação social da psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.
- SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil para análise histórica. **Educação e Realidade**. Porto Alegre, 1992.
- GONZALES, Léila. Racismo e Sexismo na Cultura Brasileira. In: *Revista Ciências Sociais Hoje*, Anpocs, 1984, p. 223-244.
- ROVAI, M. G. O. . Silêncio e Utopia: memórias de ex-operários em Osasco. *Oralidades (USP)* , v. 6, p. 151-172, 2009.
- ROVAI, M. G. O. . História Oral e história das mulheres: rompendo silenciamentos. 1. ed. São Paulo: Letra e Voz, 2017. v. 1. 168p .
- GONCALVES, A. B. R. ; FIGUEIREDO, E. ; PESSANHA, M. M. J. ; CAMPOS, M. C. C. . Negritude, negrismo, literaturas de afrodescendentes. In: Eurídice Figueiredo. (Org.). *Conceitos de literatura e cultura*. 1ed.Juiz de Fora: editora UFJF, 2005, v. 1, p. 313-340.
- ROVAI, M. G. O. . Outra vez, falar de mulheres!. *O Dia*, Teresina, 09 mar. 2016.



CIÊNCIA E TECNOLOGIA:
IMPLICAÇÕES NO ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO

FEPEG

F Ó R U M
ENSINO • PESQUISA • EXTENSÃO • GESTÃO

REALIZAÇÃO:



APOIO:



ISSN: 1806-549X